

**REFLETINDO SOBRE O UNIVERSO FEMININO
NAS CANÇÕES DE CHICO BUARQUE:
A VISÃO SEMIOLINGÜÍSTICA**

Graziela Borguignon Mota (UFF)
borguignon.graziela@gmail.com

1. Apresentação

Este artigo tem o propósito de analisar as imagens projetadas pelos sujeitos interagentes na canção “A Rita” do cantor e compositor Chico Buarque de Hollanda sob o viés da análise do discurso de orientação semiolinguística, cunhada por Patrick Charaudeau.

A maneira original e criativa com que o enunciador focalizado elabora suas canções, revelando o seu especial comprometimento com os aspectos sociais e políticos de um Brasil da década de 60 justifica o propósito desta pesquisa. As canções de Chico motivam pesquisas em diferentes campos teóricos, quer por motivações ligadas ao ensino de língua, quer pela abordagem temática, em que se representam os aspectos culturais, sociais, políticos etc. Sua obra apresenta um recorte histórico esclarecedor em relação aos acontecimentos sócio-históricos do nosso país, principalmente dos tempos da ditadura militar, funcionando na prática, como recurso de pesquisa biográfica desse dado período crítico que compõe a história do Brasil.

2. Referencial teórico

A pesquisa semiolinguística, liderada por Patrick Charaudeau e situada no campo de estudo da análise do discurso, concebe os atos de linguagem como um processo comunicativo não simétrico, pois nele há interlocutores agentes, dotados de intencionalidade e situados em um contexto sócio-histórico. Nessa perspectiva teórica, a *linguagem é um objeto não transparente*. Segundo o entendimento de Charaudeau (2008, p. 17):

O processo de comunicação não é o resultado de uma única intencionalidade, já que é preciso levar em consideração não somente o que poderiam ser as intenções declaradas do emissor, mas também o que diz o ato de linguagem a respeito da relação particular que une o emissor ao receptor.

Nota-se, portanto, que a enunciação discursiva não é apreendida apenas por meio de sua forma explícita, pois o ato de linguagem permite flutuações de sentido para as formas linguísticas, o que nos leva a crer que um enunciado é preñado de possibilidades interpretativas. Charaudeau (2008, p. 17), considera o ato de linguagem em sua dupla dimensão. Constituído por seu valor explícito, refere-se ao que é “manifestado” e, por seu valor implícito, remete ao “lugar de sentidos múltiplos que dependem das circunstâncias de comunicação”.

Ao componente explícito, corresponde o processo da “simbolização referencial”, ligado ao processo de categorização e conceitualização da realidade que nos cerca. O explícito associa-se ao que é manifestado pela linguagem; atua, pois, no nível estrutural. É neste nível da linguagem que ocorrem as relações sintagmáticas e paradigmáticas entre os termos, atuando como articuladores da estrutura textual (discursiva). Dessa forma, essas articulações resultam em “paráfrases estruturais”, que não são nem concomitantes à mesma instância de fala, nem compatíveis numa relação interfrástica, como no exemplo, “Fecha a porta porque abra a porta”, em que há uma relação de não compatibilidade entre os signos (CHARAUDEAU, 2008, p. 24-5).

Ao componente implícito estão relacionadas as “paráfrases seriáis”, que são concomitantes à mesma instância de fala, quando se diz ao mesmo tempo, “Fecha a porta” e “Estou com frio”, que são compatíveis em uma relação interfrástica: “Fecha a porta porque estou com frio” (CHARAUDEAU, 2008, p. 25). É neste nível que as intenções do produtor do ato de linguagem atuam, bem como as circunstâncias de produção discursiva. Segundo Charaudeau (2008, p. 26), é o sentido implícito que coordena o sentido explícito para a construção da significação de uma totalidade discursiva. Ainda de acordo com Charaudeau (2008, p. 25):

A produção dessas paráfrases permite que se efetue, na linguagem, um jogo de remissões constantes a alguma coisa além do enunciado explícito, que se encontra antes e depois do ato de proferição da fala. É um jogo construtor da significação de uma totalidade discursiva que remete a linguagem a si mesma como condição de realização dos signos, de forma que estes não signifiquem mais por si mesmos, mas por essa totalidade discursiva que os ultrapassa: vamos, pois, nomeá-la Significação.

Considerando as asserções vistas até aqui, no que concerne ao ato de linguagem, é importante destacar a dupla expectativa dos seres de fala na troca comunicativa. O produtor de um ato de fala espera que o outro, seu interlocutor, perceba o que está sendo proposto e que haja cumplicidade entre eles. Devemos entender que o receptor-interlocutor produz su-

as próprias interpretações, que não são comandadas pelo emissor do processo enunciativo, ilustrando a imprevisibilidade na interpretação de um ato de fala.

Entende-se que os seres de fala são dotados de competência discursiva complexa, e que o processo comunicativo não é simétrico, sendo assim, um ato de fala poderá produzir no interlocutor um efeito de sentido diferente do que o locutor previa. Portanto, para Charaudeau, o ato de comunicar é como uma aposta, pois o sujeito produtor irá se aventurar em um campo que não é estável, tendo que fazer uso de estratégias para conduzir o interlocutor ao efeito de sentido pretendido. Como também, em certas situações, o sujeito-interpretante não está totalmente consciente do contexto sócio-histórico que deu origem ao ato de comunicação, o que pode alterar sua interpretação (CHARAUDEAU, 2008, p. 57).

O ato de linguagem se configura a partir da instância da produção e da instância da interpretação. O sujeito produtor de um ato de linguagem formula seu discurso apostando que seu interlocutor compartilhará de seus dizeres. Já o sujeito interpretante, por seu turno, para alcançar a significação pretendida, deverá acionar seus conhecimentos para a compreensão do enunciado. De acordo com essa visão teórica, o emissor e receptor estão sempre em interação, ambos são responsáveis pela construção do sentido. O receptor é visto como um ser ativo, coenunciador do ato de linguagem.

Segundo Charaudeau (2005, p. 15), todo ato de linguagem é um fenômeno de troca entre dois parceiros que devem reconhecer-se como semelhantes e diferentes. Semelhantes, pois, para a troca ocorrer, os participantes devem compartilhar conhecimentos e interesses comuns; já a diferença tem origem em relação ao outro, “somos o que o outro não é”. Portanto, para o pesquisador francês, todo ato de linguagem implica “alteridade”, postulando que este princípio é o fundamento do aspecto contratual de todo ato de comunicação, pois implica um reconhecimento e uma legitimação mútua entre os parceiros.

Ainda de acordo com Charaudeau (2008, p. 44), o ato de linguagem deve ser visto como um “encontro dialético”:

[encontro esse que fundamenta a atividade metalinguística de elucidação dos sujeitos da linguagem] entre dois processos:

– O processo de produção, criado por um EU e dirigido a um TU-destinatário;

– O processo de interpretação, criado por um TU' interpretante, que constrói uma imagem EU' do locutor.

O resultado dessa proposição revela-se em um ato de linguagem composto por quatro sujeitos interagentes, EUc/EUe e TUd/TUi.

Charaudeau (2008) postula a existência de dois sujeitos para cada circuito, identificados por “Eu” e “TU” (sujeito produtor e sujeito interlocutor), ambos pertencentes ao ato de linguagem. O “EU-enunciador” (EU-e) e o “TU-destinatário” (TU-d) são sujeitos que pertencem ao “circuito interno”, vistos como sujeitos imaginários, considerados os protagonistas do ato de fala e, portanto, “seres do Dizer”. Ao mesmo tempo, tem-se, o “circuito externo”, onde se encontram os seres reais da comunicação, vistos como parceiros; são seres do mundo, com identidade psicossocial e, denominados, “seres do Fazer”.

O “EU-comunicante” é o sujeito locutor, agente da fala, ele é o ponto de partida do processo de produção da fala ou texto escrito. Este sujeito possui um projeto de fala, envolvendo a influência que deseja exercer sobre o outro. O sujeito comunicante (EU-c) cria um sujeito destinatário (TU-d), o ser discursivo que se pretende atingir, o receptor ideal. Para que haja compreensão mútua entre as partes produtora e interpretante, é necessário que a imagem do sujeito destinatário (TU-d), assim como previsto pelo sujeito comunicante (EU-c), seja alcançada pelo sujeito interpretante (TU-i).

Visto do lado do processo de interpretação, o sujeito interpretante (TU-i) tentará criar uma hipótese sobre a imagem do sujeito destinatário (Tu-d), como proposto pelo sujeito comunicante (EU-c), mas se tal hipótese, construída através do enunciado, se distanciar da expectativa do sujeito produtor do ato de linguagem, há chance de a troca comunicativa não obter o efeito esperado. Neste sentido, Charaudeau (2008, p.50) diz:

O EU-C não é um ser único, fixado de uma vez por todas. Ele é o que o processo interpretativo diz dele (diz-me qual é sua interpretação e te direi como vê o EU-c). Em outros termos, EU-c depende do conhecimento que TU-i tem dele. Ora, um mesmo ato de linguagem pode ser interpretado por diferentes Tu-i e com isso, o EU-c pode ser conhecido de diferentes maneiras. Assim, uma mesma fala poderá ser interpretada como “provocadora”, “demagógica”, “denunciadora” e/ou “irônica conforme o TU-i.

Essa relação dos parceiros interagentes na encenação do ato de linguagem constitui o princípio fundador do “contrato de comunicação”.

O contrato de comunicação funciona como um acordo que se estabelece entre os sujeitos interagentes, aliado às condições de produção e

aos saberes compartilhados. Essa relação contratual permite aos parceiros do ato de linguagem que se compreendam e que possam interagir, construindo o sentido, finalidade do ato de comunicação. É importante ressaltar a importância que Charaudeau dá ao contrato de comunicação, visto como conceito central, que abarca o conjunto das condições em que se realiza o ato de comunicação, independente da forma, seja oral ou escrita, monolocutiva ou interlocutiva.

Para a análise semiolinguística do discurso importam os “possíveis interpretativos”, que aparecem no ponto de encontro da instância da produção e da instância da interpretação. Isto não significa dar conta do ponto de vista do sujeito comunicante (EU-c) ou do sujeito interpretante (TU-i), ao contrário, pretende-se uma análise a partir do entrecruzamento de olhares dos sujeitos existentes no ato de linguagem (parceiros e protagonistas), atualizando a investigação tradicional de análise textual que busca apenas “quem fala”, para “quais sujeitos o texto faz falar”. Tendo como base a dimensão do processo comunicativo, é importante reconhecer as flutuações de sentido das formas linguísticas, os traços identitários dos sujeitos, o contexto e a situação da troca, uma vez que a reunião desses elementos resulta em possibilidades de interpretação de um ato de linguagem.

Partindo da suposição de que as composições do intérprete ultrapassam os limites de um texto – enquanto objeto de análise – propõe-se, doravante, o estudo da canção selecionada em termos de discurso. Adotar o sentido de discurso implica, neste caso, a adoção do caráter histórico do discurso, pois, por meio dele, revelam-se características fundamentais de um grupo social e, mais especificamente, da imagem de um sujeito enunciativo em uma determinada época. Entende-se por discurso um processo interacional entre sujeitos situados social e historicamente. No dizer de Charaudeau (2001, p. 26), “o discurso pode ser relacionado a um conjunto de saberes partilhados, construído, na maior parte das vezes, de modo inconsciente, pelos indivíduos pertencentes a um dado grupo social.”

3. *Análise do corpus*

Para a composição deste estudo selecionamos uma canção do intérprete Chico Buarque. Por motivo de adequação à finalidade deste artigo, este trabalho foi reduzido, de forma que selecionamos uma canção da década de 60, “A Rita”, gravada em 1965.

A Rita levou meu sorriso
No sorriso dela
Meu assunto
Levou junto com ela
E o que me é de direito
Arrancou-me do peito
E tem mais
Levou seu retrato, seu trapo, seu prato
Que papel!
Uma imagem de São Francisco
E um bom disco de Noel

A Rita matou nosso amor
De vingança
Nem herança deixou
Não levou um tostão
Porque não tinha não
Mas causou perdas e danos
Levou os meus planos
Meus pobres enganos
Os meus vinte anos
O meu coração
E além de tudo
Me deixou mudo
Um violão

Para a análise da canção selecionada, o leitor/interlocutor deve estar ciente das circunstâncias de produção, pois os signos linguísticos que constituem a composição musical não são portadores de sentido pleno, funcionam de fato como “pistas” para alcançar a significação pretendida, pois, para a constituição da significação, é preciso aliar o contexto linguístico e extralinguístico presente na letra da canção.

Na canção “A Rita” há elementos explícitos e implícitos textualmente que indicam uma menção à mulher como personagem mandatária da dor masculina que se apresenta, no primeiro nível de leitura, como uma separação de casal. Esse nível superficial de interpretação está ligado ao que Charaudeau (2008) denomina como “simbolização referencial”, por se tratar do nível explícito da linguagem. Contudo, uma enunciação discursiva pode apresentar diferentes leituras e possibilidades interpretativas, de acordo com as informações que o receptor possui das condições de produção e da situação comunicativa em que se insere o discurso. Pretende-se aqui, como já foi exposto, construir o sentido discursivo aliando o contexto histórico de produção da canção aos possíveis projetos de fala do enunciador.

Destaca-se o tratamento dado a composição, no tocante à seriedade na estruturação dos fenômenos estéticos de caráter textual. Percebe-se reflexão por parte do enunciador em sua obra musical, revelando o viés engajado e perspicaz de um sujeito que elabora sua obra atento ao leitor, num propósito dialógico e interativo.

É necessário considerarmos o aspecto situacional de composição da canção, pois sabemos que o momento político no Brasil era de Ditadura Militar, e que os meios de comunicação em geral tinham sido censurados pelo governo, assim como os movimentos sociais e culturais (teatro, música etc.), também cerceados em nome da “ordem”, a fim de inibir movimentos contra o regime vigente. Portanto, é neste cenário cercado de violência, de perseguição política, exílio, de enfrentamento entre civis e militares que se encontrava a sociedade brasileira.

Era preciso mascarar o que se queria dizer para burlar os órgãos censores, como no caso da canção de Chico Buarque. “A Rita” aparenta em análise superficial se tratar de uma temática relacionada a uma desilusão amorosa, mas os elementos linguísticos usados pelo compositor apontam para um imaginário de censura.

Alguns questionamentos são relevantes:

Que efeitos de sentido são provocados pelo material linguístico-discursivo? Acarretam efeitos de sentido no receptor- leitor?

A seleção lexical verbal e nominal apresenta um campo semântico carregado de significados que indicam um enunciador que deseja persuadir seu público interpretante e levá-lo a compreensão de um momento de intensa repressão e tristeza causado pelo regime ditatorial, conhecido pela alcunha, “Dita”. A escolha desses nomes e verbos na canção são fortes indícios de que o enunciador está se referindo a algo mais profundo do que a desilusão amorosa narrada na composição musical. Isso se esclarece na escolha do título da canção e por meio da articulação dos verbos “arrancou, levou, causou, matou” com os nomes “vingança, perdas, danos, enganos, mudo”.

Os pronomes “me”, “meu”, “meus” marcam na enunciação a existência de um ser de fala, um sujeito enunciador que reclama do que está sendo retirado, furtado de sua vida. Isto é constatado em

A Rita levou meu sorriso
Levou com ela
E o que me é de direito
Arrancou-me do peito.

O elemento argumentativo “além de tudo” na canção em análise une as demais proposições aventadas pelo enunciador, conferindo mais credibilidade aos argumentos, reforçando-os juntamente à ideia final, ou seja, funciona como um recurso argumentativo a título de conclusão do assunto abordado.

4. Considerações finais

O sujeito comunicante–compositor em seu projeto de fala cria um sujeito destinatário (TU-d), de acordo com suas estratégias e intenções. Nesta canção, “A Rita”, nota-se a construção da imagem de um cidadão brasileiro, que vê seus direitos civis esvaziados, sendo “levados” pelo regime ditatorial. Tal imagem produzida pelo sujeito comunicante-compositor terá obtido êxito se a sociedade brasileira (TU-i) for cúmplice neste ato, construindo uma imagem análoga ao do sujeito comunicante-compositor.

Percebemos que o sujeito enunciador–intérprete mascara a posição do sujeito comunicante–compositor para driblar os órgãos censores. Logo, falar de assuntos do cotidiano, de amor, carnaval, samba e outros aparentavam se tratar de temas desligados do momento social e político, i.e., sem compromisso de protesto contra o governo. É por meio desses artifícios temáticos no uso da linguagem que o sujeito comunicante-compositor lança mão das estratégias de subterfúgio, e assim, aciona a população, tornando público sua crítica ao momento de repressão e angústia experienciado por ele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Linguagem e discurso: Modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Uma análise semiolinguística do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. (Orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato. *A análise do discurso: fundamentos*. Rio de Janeiro: Aracê, 2005.

tos e práticas. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Núcleo de Análise do Discurso / FALE / UFMG, 2001, p. 23-38.

CHICO Buarque. Disponível em: <<http://www.chicobuarque.com.br>>. Acesso em: 13-07-2013.

MENESES, Adélia Bezerra de. *Desenho mágico: Poesia e Política em Chico Buarque*. São Paulo: Ateliê, 2002.